

JUSTIÇA A UM GRANDE HOMEM

Volnei Ivo Carlin

Desembargador

Ainda ressoam na mídia e no Plenário do Tribunal de Justiça as homenagens ao saudoso Des. Wilson Eder Graf, falecido recentemente. Seus derradeiros sofrimentos coincidiram com a Semana de Natal e seus últimos dias decorreram como os de Moisés, o profeta que morreu à vista da Terra Prometida. O pranteado juiz desapareceu às portas do novo milênio!

Todos declaram: magistrado independente, digno, ético, leal, corajoso, culto e prático. Avesso em discutir questiúnculas, mas sem se omitir nas relevantes questões, com a luz de sua experiência e saber. No julgamento dos feitos nunca procedeu como insensível e mecânico aplicador dos textos, mas sempre como intermediário entre a letra morta dos dispositivos e a vida real, pronto a dar às normas jurídicas um entendimento útil à realização do direito e aos ideais imperecíveis da Justiça.

Quanta falta iremos sentir deste protótipo de julgador. Dentro de pouco terminarão as homenagens póstumas. Seus magníficos votos ficarão nos repositórios da jurisprudência, a cada dia mais antigos, recendendo devoção e credibilidade. Neles o melhor exemplo do magistrado. Na memória dos amigos a lembrança imorredoura de um homem simples e justo, com permanente disposição para o diálogo, inquebrantável fidelidade à verdade e constante energia para a luta. Estas e tantas outras qualidades fizeram com que Graf conquistasse a admiração e a confiança de todo catarinense.

Essa breve digressão bastaria para evidenciar sua personalidade, cuja memória, agora, tanto merece ser reverenciada. Porém, há outro aspecto relevante que vale ser frisado: caracterizou-se pela austeridade como regra essencial para o exercício da democracia, qual imperativo ético foi razão de sua postura pública, sem nunca ter-se valido da demagogia. Sempre sabedor de que as proclamações de princípios nada valem se não acompanhados pela sua ação eficaz. Nunca entoou loas a Leviatã, demolidor do direito e da liberdade. Ao contrário, a todo tempo foi um homem de fé e de vida honesta.

A Justiça, tal como a concebo, constitui a mais nobre e recompensadora das atividades humanas. Servir a ela reclama dedicação incansável e noites indormidas, não sendo raros os que sucumbem em pleno combate.

Perdoem-me se agora coloco algo de pessoal nestas palavras.

Conheci Graf à distância, já brilhando na constelação interiorana de nossa magistratura. Vim a conhecê-lo a menor distância, como Diretor do Foro da Capital. Dele fiquei mais próximo, embora já o admirasse, quando Desembargador. Tanto insistiu e me animou que acabei, graças à perseverança, chegando ao Tribunal. “Vais vencer pelo talento e pelo trabalho”, repetia constantemente. No Tribunal Regional Eleitoral — TRE, que dirigiu com sabedoria raramente encontrada hoje, ficamos muito amigos, servindo-me de referencial permanente.

Plagiando, com pobreza, inspirado poeta, enfim, posso dizer:

Partiu o grande magistrado em direção da Justiça de Deus, sua toga imaculada navega rumo ao porto eterno, ecoando em todos nós suas últimas palavras de angústia de um adeus.

Deixou a lição de que o maior atributo do julgador é a sua moral. É o substrato da profissão.